

## ELE E NÓS

Obstinado e messiânico, mas ao mesmo tempo democrático e sentimental, Juscelino tomou para si uma idéia secular: a criação da nova capital do país

# O dono do sonho

TT Catalão  
Da equipe do **Correio**

**P**aixão que se explica perde o encanto. Magia sem surpresa é engano. JK era só um homem. Não era JC para ganhar altares ou veneração sem críticas. Mas o homem JK possuía uma tempera incomum para o padrão de político brasileiro. Conseguia ser democrático entre riscos impulsivos e astúcias metódicas. Bailava. Talvez a firmeza das montanhas de Minas encontrasse em JK o maior mistério da região: aparentemente imutáveis, se abertas as entranhas, revelavam riquezas.

JK estava uma usina de sentimentos no dia 29 de junho de 1958. No Brasília Palace Hotel, ele colocava a mão no rosto para melhor se concentrar na tosca transmissão das jogadas de Pelé, Garrincha, Vavá e Nilton Santos na Suécia. Do rádio de pilha com a voz imprecisa do *speaker* só se ouvia mesmo: goool. E foram cinco. E o país perdia o complexo de vira-latas (no saque de Nelson Rodrigues) ante o mundo. Quem diria. JK estava em Brasília para uma solenidade no Palácio da Alvorada. A obra-prima que teve seu primeiro esboço recusado e devolvido à prancheta de Niemeyer até voltar com a forma absoluta de um poema em concreto. Beleza com função estrutural. Resumo de Brasília.

A força mobilizadora de JK veio de um conjunto: o pragmatismo da ocupação territorial; expansão de núcleos econômicos; novos canais políticos para forças equidistantes menos dependentes das gestões “café-com-leite”, Rio-SP, que revezavam no poder; a abertura cultural ao sertão e a excepcional personalidade do único JK. Fora do racional insere-se o JK messiânico capaz de acender um povo inteiro para mostrar a eficácia de um combustível cidadão: se todos decidem não há quem impeça.

Brasília era projeto anunciado. Desejo político, técnico, administrativo, militar desde a luta dos Inconfidentes (1789). Há razões lógicas em JK para cumprir a Constituição e assim transferir a capital. Convive em JK, também, a magnífica e santa dose de loucura ao assumir tamanha obstinação.

JK foi feliz ao descrever como “ermo” e não como “nada”, aquele “horizonte baixo, rasgado, como se engolisse todo o céu”. “Inaugurava” o rude “aeroporto Vera Cruz” aberto na picada por Sayão, onde hoje está a Rodoferroviária.

JK, nesse primeiro caminhar de 1956 (visitou a cruz afixada em 1955, próxima ao Memorial, e bebeu café na Fazenda do Gama). Pesava o descrédito. O general Lott, ministro da Guerra, chegou a perguntar se ele estava “mesmo” convicto. JK balançava mas lançou um “choque no grupo”: “Brasília será construída em 3 anos e dez meses”. Diz a Lott que passará a faixa presidencial ao sucessor, em Brasília. Mais tarde, em plena febre da construção do Plano Piloto de Lucio Costa, 1959, se aproxima de candangos que jogavam conversa fora ao redor de um fogo: “Preparo essa noiva (Brasília) para casar com outro”. Era provocação. Os trabalhadores, íntimos dessas visitas, quase em coro respondem: “Brasília sempre será sua”.

A barra contrária era imensa: “Compreendi a malícia

de alguns deputados oposicionistas. Só votaram a favor porque ‘Brasília seria meu túmulo político’. Pode-se imaginar a emoção do primeiro concreto virado, em 24 de outubro de 1956, para erguer o Catetinho. Requite foi a chuva de granizo, com gelo para o uísque dos convivas.

Como todas as sagas, um marco pode usar a referência no dia chuvoso de 4 de abril de 1955. Comício de Jataí-GO. Ainda candidato à Presidência, JK responde a legendaria pergunta de Antônio Soares Neto (nascido em 1925), o Toniquinho. Se eleito mudaria a capital. Três meses depois de eleito assina a mensagem, 18 de abril de 1956, ao Congresso em um boteco no aeroporto de Anápolis. Criava a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) e o nome Brasília. Câmara e Senado aprovam o projeto, por unanimidade. Sancionada a Lei 2.874, de 19 de setembro. No mesmo dia, é lançado o Concurso do Plano Piloto. Cumpria a Constituição (constava nas Cartas de 1891, 1934 e 1946). JK elege a construção da capital meta-síntese.

Um percurso de coincidências, acidentes históricos, traições, desvios e belos exemplos de caráter e luta só encontraria plenitude na inauguração de Brasília. O **Correio Braziliense** de 1813, 1818 e 1822 publica artigos de Hipólito José da Costa em defesa da transferência da capital. José Bonifácio de Andrada e Silva (1763/1838), em 9 de outubro de 1821, sugere a criação de uma “cidade central no interior do Brasil”.

JK teria uma longa lista de justificativas e argumentações racionais, mas a extraordinária contribuição viria de um 30 de agosto de 1883, o padre italiano Dom Bosco (1815/1888), canonizado em 1934, tem o sonho-visão simbólico da epopéia para a construção.

Em 1892, Floriano Peixoto cria Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, sob a chefia do cientista belga Luiz Cruls (1848/1908), para estudar e demarcar a área do Distrito Federal. O relatório final é apresentado em 1894. Em 1920, o presidente Epitácio Pessoa assina decreto legislativo que prevê o início da construção. Em 7 de setembro de 1922, é lançada a Pedra Fundamental da Nova Capital, em Planaltina de Goiás.

Como devia martelar na cabeça de JK, nas longas quatro horas de turbulência do avião Douglas entre Rio e o Planalto, trechos de editoriais como o do *Correio da Manhã* de 24 de março de 1957: “Com os setecentos milhões de cruzeiros dados à pirâmide do sr. Juscelino, o Rio resolveria os dramáticos problemas que a estão tornando inóspita e inabitável”. Meses depois da inauguração de Brasília, começava a Campanha do Retorno (com “-recaídas” constantes, até meados dos anos 70, principalmente de *O Globo*). Brasília, até hoje ameaçada por governos sem o menor vínculo com seu conceito, resiste. Resiste, por que quem a ama e insiste.

## O espanto do amigo Cony

Concelção Freitas

Da equipe do **Correio**

O escritor Carlos Heitor Cony é capaz de contar toda a história da construção de Brasília com minúcias de pioneiro, mesmo sem o ser. Isso porque, em meados de 1968, foi chamado por Adolph Bloch para organizar as memórias de Juscelino Kubitschek. Mas o tempo negro não permitiu que as obras fossem publicadas. Decidiu-se então produzir o autobiográfico *Por que Construí Brasília* e nele incluir a biografia do presidente proscrito pelo regime militar.

Foram sete anos de relacionamento intenso e frutífero, de 1969 a 1976, ano da morte de JK. “Fui uma das pessoas mais próximas dele e ele de mim”, lembra Cony que, por conta disso, dedica-se a dois projetos sobre Juscelino, um documentário e um livro, o primeiro junto com o arquiteto Oscar Niemeyer e o segundo com a escritora Anna Lee.

No período em que deu forma à *Por que Construí Brasília*, a partir de pesquisas e anotações de Josué Montello e Caio de Freitas, Cony descobriu que o governo de Juscelino não teria nenhum sentido se não fosse a construção de Brasília, a meta-síntese de seu programa de governo. Da mesma forma, sem o desenvolvimento da indústria do aço, da indústria de automóveis, da indústria naval, da pavimentação de estradas, da construção de usinas – outras das metas do 50 anos em 5 – Brasília não seria possível.

Conhecer a história da construção da nova capital foi uma sucessão de espantos. Em especial, quando soube da aventura que foi trazer o primeiro transformador para Brasília em agosto de 1959. Colocada sobre uma grande balsa, a máquina de 115 toneladas afundou no rio Paranaíba. Um batalhão do Exército foi mobilizado para retirar o transformador do rio e levá-lo de volta a São Paulo para ser consertado. Nesse período, Juscelino construiu a ponte sobre o Paranaíba, na divisão de Minas Gerais e Goiás. Quando o transformador voltou, passou por cima da ponte. Essa é um dos episódios da construção de Brasília que mais seduziram Cony. “Foi uma das partes que mais caprichei”, diz o *ghost writer* de *Por que Construí Brasília*.

No desaguar das comemorações dos 100 anos de JK, Cony participa junto com Oscar Niemeyer de documentário feito pela produtora *Cara de Cão Filmes*, de Belo Horizonte. E, com Anna Lee, prepara um livro que vai reunir as suspeitas que pairam sobre as mortes de três líderes políticos brasileiros, Juscelino Kubitschek, João Goulart e Carlos Lacerda. No que diz respeito à morte de JK, Cony antecipa que o livro não será conclusivo, ainda que ele acredite que o acidente que o matou foi mesmo um acidente, apesar de as suspeitas serem mais fortes que as evidências.

## QUEM FOI JUSCELINO

*Juscelino Kubitschek de Oliveira nasceu em 12 de setembro de 1902 em Diamantina (MG). Formou-se em Medicina em 1927. Em 1933, é nomeado secretário de governo de Minas Gerais. É eleito deputado federal em 1934 e nomeado prefeito de Belo Horizonte em 1940. Cinco anos depois, torna-se deputado federal. Em 1950, é eleito governador de Minas. Em abril de 1955, inicia campanha presidencial. Toma posse como presidente da República em 1956. Inaugura Brasília em 21 de abril de 1960 e, em 31 de janeiro de janeiro, entrega o cargo de presidente da República a Jânio Quadros. É eleito senador por Goiás e cassado em junho de 1964. É exilado e vai morar no exterior. Volta ao Brasil em abril de 1967 e, no ano seguinte, funda a Frente Ampla de Oposição. Em 22 de agosto de 1976, morre em acidente de carro no quilômetro 165 da Via Dutra.*



JUSCELINO E LUCIO COSTA:  
PERCURSO DE COINCIDÊNCIAS  
ACIDENTES HISTÓRICOS E TRAIÇÕES  
E EXEMPLOS DE LUTA